

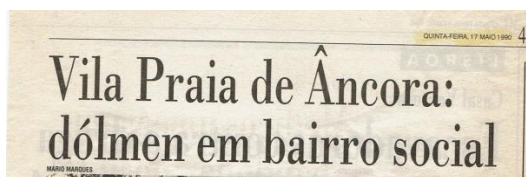
MONUMENTO AMALDIÇOADO PELA IGNORÂNCIA

Finalmente parece que os responsáveis autárquicos de Caminha conseguiram integrar a cultura nos seus objectivos, tomando conhecimento do seu valor, que deram origem a haver notícias positivas no sentido da preservação do Dólmen da Barrosa.

As dificuldades foram imensas, até a classe política tomar consciência da defesa do Dolmen da Barrosa. Alguns títulos desses artigos, que durante anos fui guardando testemunham esses factos e as diversas posições tomadas, fazem parte de uma história em que os disparates se sucediam.



Independente do clube político que estivesse no poder, as asneiras sucediam-se e em 1984, começaram a querer implementar um bairro social nas imediações do Dolmen da Barrosa.



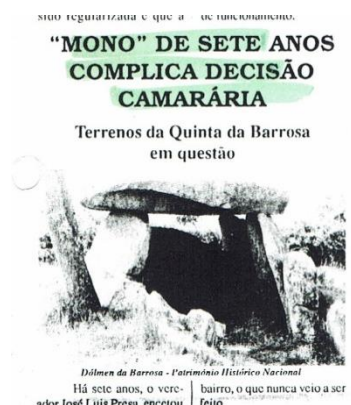
As associações ambientais da altura, compostas por gente jovem, eram as únicas entidades a opor-se, e a comunicação social ia noticiando esses factos, sensibilizando toda a comunidade e travando também as forças que se diziam democráticas mas culturalmente eram uma nulidade.

Em 1990, os jornais já referiam “Dólmen em bairro social”



Mas a ignorância era tanta, que responsáveis do poder político, em 25-7-1993 referiam à comunicação sociais coisas referentes ao dólmen como:

“MONO” DE SETE ANOS COMPLICA DECISÃO CAMARÁRIA



Quer associações ambientais quer gente ligada à cultura, iam procurando a todo o custo apoiando-se na comunicação social, alertando a comunidade para os disparates que pretendiam realizar.

Os títulos iam documentando a história recente de quem defendia a cultura.



Até que em 2006, começavam-se a ler alguns títulos de jornais que faziam acreditar que aquele esforço realizado pelos Ambientalistas tinha sido recompensado.

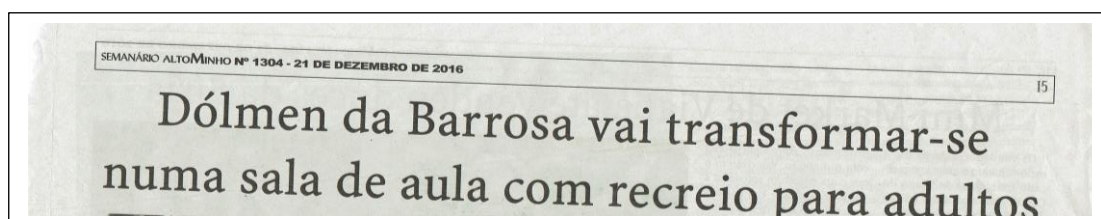
Os políticos começaram a ter a percepção de que destruir um monumento daqueles era destruir a nossa identidade cultural, e começaram a ceder.



Mas ainda hoje existem muitas arestas a limar, pois em 2013, o semanário online Caminha 2000 noticiava a construção de uma pista de skate nas imediações do monumento em causa.



Entretanto em 2016, o semanário Alto Minho, referia que o dólmen da Barrosa, se ia transformar numa sala de aulas.



No entanto já em 2017 é referido num quinzenário local a intensão da realização de um pomar de espécies autóctones o que faz cair a mascara dos actuais interlocutores ou, apoiantes políticos que se esqueceram que este monumento é uma construção do séc. IV a.C., sendo nessa altura a área envolvente constituída por flora nativa, onde predominava o carvalho. Seria interessante, portanto tentar recriar essa o coberto vegetal do nosso território, sem qualquer intervenção humana

Perante isto, sou obrigado a considerar que para respeitar a identidade cultural desta área deviam deixar de andar a destruir espaços históricos, e no que diz respeito aquela área em causa devia:

1º -Ter em consideração a proximidade de uma zona escolar.

2º - Integrar de facto uma área que representasse um local em que predominassem bosques de acordo com a floresta nativa, representativos da época e do tempo desse monumento.

Já nesta ultima fase apareceu dentro do espaço físico da quinta da Barrosa, um "pista de manutenção", que tal como a pista de skate me levou a perguntar qual será a relação daquela com o dólmen da Barrosa?...Que tipo de cultura será esta?

É altura de parar de fazer disparates.

Se de facto queremos ensinar devemos fazê-lo com exemplos e dignidade ,não esquecendo as nossas raízes culturais. Temos de respeitar a história e os alunos pois aquele local foi um campo Santo para os nossos antepassados.

DA BARROSA, FINAL

o início das obras e promover o seu prosseguimento, vieram confirmar a forte expectativa que tínhamos na boa evolução do projecto.

Depois das diabruras do passado, da mais recente ainda não nos livramos completamente e que só prejuízos trouxeram ao Município, entramos agora, estamos certos disso, num registo de respeito pela opinião dos cidadãos. Os resultados eleitorais não interrompem os direitos dos eleitores, que a cada momento podem e devem intervir dando o seu contributo.

Em breve iremos ao Parque da Barrosa, porta de entrada do Vale do Âncora (e de saída) e no seu interior, na harmonia reinante, em plena comunhão com a natureza, poderemos receber nas nossas mãos a sombra generosa das árvores! Das que lá estão e das que irão surgir em tempos de Outono e Primavera em resultado de novas plantações. Num registo mais espiritual, teremos oportunidade de prestar homenagem aos veneráveis antepassados que associamos ao Dólmen da Barrosa.

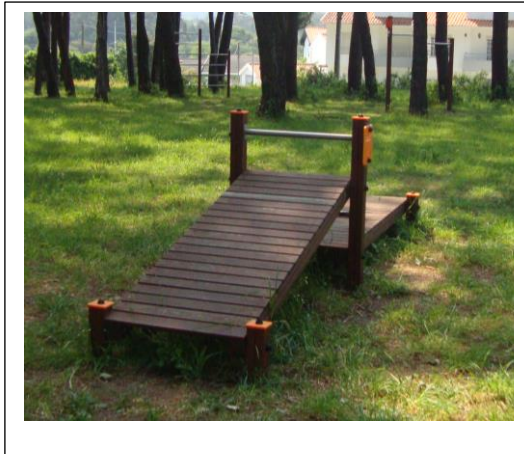
Quando forem definidos os novos trajectos de deambulação, havemos de encontrar, estamos certos disso, uma ala com macieiras agrais (maças do campo) que "fora de portas" são identificadas pelas "maças d'âncora". Este fruto, acre e rosado,

tinha no passado um enorme aproveitamento para a feitura do vinho de maçã (cidra). Esta fruteira, hoje desvalorizada, era muito comum nas freguesias da bacia



inferior do rio âncora e ainda hoje as podemos encontrar nas beiradas dos caminhos e nas margens dos ribeiros. As colheitas eram abundantes, de calibre irregular e em regra de produção aneira. Para além da cidra, depois da colheita, no verão, eram colocadas em madureiros e consumidas pelos meses fora até à primavera. Na Páscoa, tinham a par das "frescuras" da época (o funcho e o rosmaninho) a deliciosa função de perfumar a sala onde era recebida a cruz. O Parque da Barrosa é o espaço ideal, para que esta árvore fruteira tenha presença assegurada na "quinta". A defesa desta espécie estará dessa forma garantida.

O pomar previsto nas ideias que vieram a



Não façam crer aos alunos que estas espécies faziam parte das áreas florestais de há quatro séculos.

Em que irá isto tornar-se?

Parque de manutenção, pomar ou será respeitado como local Sagrado e histórico que é!...

Esperemos que haja bom senso e dignidade na escolha pois só assim serão transmitidos os nossos valores culturais, às novas gerações.

Só assim evitaremos a tão falada globalização cultural.